

## ARQUIVO PESSOAL COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO<sup>1</sup>

Sandra Cristina Fagundes de Lima\*

**Resumo:** Os propósitos de nossa investigação foram apresentar o arquivo pessoal como fonte para os estudos e pesquisas em História da Educação e perscrutar as representações construídas sobre a da história local e sobre o proprietário do arquivo no período de 1933 a 1961. Para tanto, elegemos como objeto de análise o arquivo histórico formado pelo professor Jerônimo Arantes. Empregamos como fontes os documentos que compõem o referido arquivo, tais como: livros, jornais, revistas, correspondência pessoal e iconografia. A análise desse acervo possibilitou compreender: a relação de Arantes com a memória, a história local, a educação e a política; as representações que ajudou a produzir sobre a história da cidade e, também, aquelas que foram construídas a respeito de si próprio.

**Palavras-chave:** Arquivo Pessoal, Fonte de Pesquisa, História da Educação

**Abstract:** The objectives of our investigation are a) to present the personal file as a source for studies and research in Education History, and b) to search the representations built on local history on what refers the file's owner from 1933-1961. The object for analysis we chose is the historical file of teacher Jerônimo Arantes. The sources we used are documents that compose that file, such as: books, newspapers, magazines, personal mail and iconography. The analysis made possible to understand Arantes' relationship with memory, the local history, education, and politics; the representations that the collection helped to produce about the city history, and those that were built regarding the teacher himself.

**Keywords:** Personal file; Research source; Education History

O campo de pesquisa relativo à História da Educação se alargou e continua se expandindo tanto no que concerne às temáticas e às problematizações quanto no que diz respeito às fontes empregadas. Dentre estas, os arquivos pessoais tem emergido como indícios profícuos de compreensão do passado, que extrapola a dimensão individual do seu proprietário e possibilita ampliar a análise para um universo multifacetado que se compõem da trama sócio-política na qual transitam os sujeitos, “O que este tipo de material [acervos particulares] permite é adquirir uma visão muito mais rica e complexa dos fenômenos históricos, a partir das motivações e visões de seus protagonistas” (SCHWARTZMAN, 2000: 28).

Inserindo-se na perspectiva de renovação aberta aos pesquisadores em História e em particular em História da Educação a pesquisa que realizamos tomou o arquivo pessoal

---

<sup>1</sup> Este texto apresenta parcialmente os resultados da tese de doutorado defendida no IFCH/Unicamp-SP (LIMA, 2004).

\* Universidade Federal de Uberlândia. Professora Dr<sup>a</sup>. Apoio da FAPEMIG

formado por Jerônimo Arantes (Uberlândia/MG 1892-1983)<sup>2</sup> como objeto e também como fonte de investigação. Procuramos analisar esse acervo tendo como preocupação compreender a sua história, trajetória, finalidades e representações. Dessa forma, investigamos os meios empregados por seu proprietário para obter a documentação, os usos possibilitados e realizados a partir da consulta aos documentos, o conteúdo dos diversos papéis assim como as representações engendradas tanto pelo conteúdo quanto pela seleção do material arquivado.

A atuação de Arantes na condição de memorialista extrapolou a tentativa de escrever uma história da cidade de Uberlândia, uma vez que se empenhou também em colecionar e arquivar diversos documentos que, posteriormente, o subsidiariam na pesquisa histórica. Esse acervo, que compreende uma diversidade de documentos iconográficos e escritos, foi denominado por seu proprietário de *Arquivo Histórico* e, desde meados do século passado, já se constituía em referência como “centro” de pesquisa, pois, conforme salientou um jornal da época: “Historiador dos mais dedicados e caprichosos, o prof. Jerônimo é, com diz o povo, ‘o homem que tem guardada em casa a história de Uberlândia’” (ANIVERSÁRIOS, 1956: 2).

Posteriormente à sua morte, essa documentação foi adquirida pela Prefeitura Municipal, pois, “O ato deliberado de construir um arquivo pessoal implica, no mais das vezes o desejo de torná-lo público um dia” (FRAIZ, 2000: 98). Atualmente, os documentos compõem a *Coleção Professor Jerônimo Arantes* do Arquivo Público de Uberlândia, inaugurado em 1988. Dentre os documentos iconográficos, encontram-se: clichês, fotografias, quadros pintados a óleo, plantas e mapas. Dos documentos escritos, destacam-se: jornais, revistas, folhetos e livros de autoria de Arantes, livros de história, atlas geográfico, estatutos, correspondência pessoal, recortes de jornais e revistas, memorandos e ofícios: “O acervo impressiona pela riqueza. São livros, folhetos e revistas da virada do século 20. (...) As correções feitas à mão pelo autor, juntamente com as colagens, dão um tom especial à obra” (A HISTÓRIA, 2002).

Entretanto, antes mesmo de ter sido comprado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, este *Arquivo Histórico* já era bem conhecido pelo público, posto que Arantes abrigava a sua documentação em um pequeno escritório construído no interior de sua residência e a deixava à disposição para todos os que necessitassem de informações ali depositadas. Alunos das escolas secundárias, professores e memorialistas procuravam o

---

<sup>2</sup> Jerônimo Arantes nasceu em 1892 na cidade de Monte Alegre-MG e mudou-se para Uberlândia/MG em 1918, onde foi professor, inspetor municipal de ensino e chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município (SESM) de Uberlândia-MG (1909-1959). Atuou como memorialista e também como editor da Revista *Uberlândia Ilustrada* (1935-1961). Publicou livros de poemas, de História local e inúmeros artigos sobre a história de Uberlândia. Faleceu nesta cidade em 1983.

referido arquivo em busca de dados para a escrita da história local, ou, simplesmente, para conhecimento de fatos relativos ao passado. O *Arquivo Histórico* constituía-se em motivo de orgulho para Arantes e, de fato, parece que ele fazia questão de torná-lo acessível aos amigos e demais pessoas interessadas pela história (JERÔNIMO 1958: 34).

Em Arantes, portanto, confluíam o trabalho de memorialista e a prática do arquivista. Papéis que se confundem quando se trata de lidar com o tempo, os seus protagonistas, os conflitos que engendram o que denominamos processo histórico e, sobretudo, os vestígios do passado que se encontram representados pelos documentos.

A opção de Arantes pela formação de um arquivo parece ter se consubstanciado nos dois aspectos ressaltados por Gomes (2000) em seus estudos sobre arquivos, quais sejam, a questão das provas documentais e a construção da memória. A manutenção e preservação, igualmente, não devem ter sido tarefas simples, pois não havia um local em sua residência próprio para acondicionar todo o volume da documentação. Mas, não obstante a escassez de espaço, a carência de mobiliário, assim como a falta de condições gerais de infra-estrutura (controle da umidade, principalmente), Arantes conseguiu preservar seus documentos e, hoje, eles constituem-se em uma imprescindível fonte de pesquisa para a história local.

No interior do APU, onde está armazenada, essa coleção representa o maior índice de procura pelo público pesquisador e serve de indícios de pesquisa para profissionais oriundos das mais diferentes áreas do conhecimento que, mesmo empregando documentos idênticos, têm resultado em uma multiplicidade de análises e temas. Pensamos que aí reside a maior riqueza desse acervo formado pelo professor Jerônimo Arantes, pois, conforme advertiu Certeau (2002: 82): “... não há trabalho que não tenha que utilizar de outra maneira os recursos conhecidos e, por exemplo, mudar o funcionamento de arquivos definidos, até agora, por um uso religioso ou ‘familiar’”. Essa mesma documentação também é consultada por pesquisadores não acadêmicos, interessados, na maioria das vezes, em genealogia. Há também aqueles que buscam documentos comprobatórios de vínculos empregatícios a fim de requer aposentadorias.

Infelizmente não conseguimos informações precisas sobre a forma como foi obtida a maior parte dos documentos que compunham o *Arquivo Histórico*, mas alguns indícios demonstram que a doação foi uma das formas – talvez a mais usual – pela qual seu titular pode colecionar grande parte de sua documentação. No entanto, em meio aos seus papéis encontravam-se originais de memorandos expedidos e recebidos, correspondências e ofícios produzidos na época em que Arantes chefiou o SESM, que não poderiam ter sido doados, pois se tratavam de documentos oficiais, pertencentes à Prefeitura. Além dessa documentação, em

sua biblioteca, encontramos um livro dedicado pelo autor à Prefeitura Municipal (CAMIM, 1944).

Será que por ser funcionário público, exercendo cargo de confiança do prefeito, Arantes achou-se no direito de guardar com ele documentos oficiais, não separando o domínio público do privado? Se, de fato, a indeterminação entre o público e o privado foi um dos fatores que o levou a se apropriar da documentação pública, isso não seria uma característica apenas sua, pois a imprecisão das fronteiras entre o público e a esfera privada é do domínio comum, tendo sido apontada por Holanda (1991) como sendo um dos traços definidores de alguns homens que ocuparam funções públicas no Brasil. Influenciados pela cultura patriarcal, aqueles teriam se deparado com muitas dificuldades para estabelecer os limites entre um e outro domínio.

Optamos por reunir essa documentação em três grupos, a fim de produzirmos uma análise que contemplasse parte de seu conjunto, a saber, as fotografias; a biblioteca, composta por livros, jornais e revistas; por fim, as pastas temáticas contendo documentos avulsos e correspondência. No que diz respeito às fotografias colecionadas por Arantes, concluímos que parte delas, como já dito, resulta do período em que esteve à frente da administração do serviço educacional no município, pois de um total de 1269 fotos existentes na coleção, 577 referem-se a prédios escolares, alunos, professores e desfile escolar. Há também muitos retratos, somando, nesta temática, um total de 460 fotografias. As demais se referem a casas comerciais, cinemas e clubes recreativos, comunicação, esportes, eventos, fazendas e chácaras, hospitais, hotéis, igrejas, indústrias e fábricas, instituições bancárias, instituições sociais, monumentos, outras localidades, paisagens, política e políticos, pontes, estradas e rodovias, postos de gasolina, praças, recreação, residências, ruas e avenidas, serviços públicos, trabalhadores rurais, transportes e vista parcial da cidade.

As fotografias foram utilizadas, tal como a documentação avulsa, para compor a revista *Uberlândia Ilustrada* produzida por Arantes, servindo de ilustração para as suas páginas cobertas de imagens. Além de empregá-las na revista, as fotografias eram valorizadas por Arantes como ilustração de seus livros; pois, em todos eles, os temas tratados eram acompanhados de imagens. Mesmo aqueles não publicados, que são maioria, estavam repletos de fotos. Quando estas não se encontravam presentes, ele reservava um espaço na página para fixá-las, no qual expunha uma legenda informando quais fotos empregaria.

O segundo grupo dessa documentação constitui-se na biblioteca formada por Arantes, composta de jornais, revistas e livros. A parte deste acervo que chegou ao Arquivo Público compõe-se, além dos jornais, de um total de 135 títulos, entre livros, revistas e publicações de

poucas páginas, tais como petições, relatórios do executivo e outros. Embora pequena, a biblioteca possuía grande valor para os interessados na história local, conforme se depreende dos agradecimentos que um amigo de Arantes publicou em um jornal da cidade: “Aqui acaba a história, cujos dados preciosos fomos buscar na pequena mas inestimável biblioteca do consumado historiador da cidade professor Jerônimo Arantes” (COSTA, 1962, p. 4).

Essa biblioteca reflete, de um lado, as preocupações do seu proprietário com a pesquisa e a escrita da história de Uberlândia e, de outro, demonstra a sua necessidade de manter-se atualizado, como era o caso dos jornais. Além disso, igualmente como verificamos com o restante da documentação, esta serve como pista para compormos mais detalhes acerca das representações que Arantes construiu sobre o passado da cidade e também de si próprio.

O terceiro grupo dos documentos que compõem o seu acervo refere-se às pastas temáticas. Arantes arquivou uma infinidade de recortes de jornais e revistas, que tinham como finalidade oferecer-lhe subsídios para produzir seus artigos, escrever seus livros e elaborar os 28 números de sua revista *Uberlândia Ilustrada*. Junto a esses papéis, encontra-se também a sua correspondência pessoal, sobretudo as cartas recebidas. O volume dessa documentação era tal que, ao ser organizada a *Coleção Professor Jerônimo Arantes* pelo *Arquivo Público de Uberlândia*, deu origem a 52 pastas, denominadas de *Pastas Temáticas*.

O conteúdo dos papéis, recortes, anotações, documentos escolares, procurações e correspondência é muito diversificado, assim como a data de sua produção. Os temas vão desde biografias, passando por notícias de eventos comemorativos do aniversário da cidade, até recortes de jornais contendo informações sobre a Segunda Guerra Mundial, religião, moda feminina e turismo. Não obstante essa diversificação predominam os assuntos de âmbito local, que retratam aspectos da história da cidade e região mais próxima.

Concluimos que esses recortes serviam, primeiramente, além de outros propósitos – como, por exemplo, a consulta aos dados referentes à história local –, para a pesquisa dos temas abordados na *Uberlândia Ilustrada*, pois constatamos uma grande concordância entre os conteúdos de muitos deles e os temas explorados no referido periódico. Documentos relativos a vários aspectos tratados na revista podem ser encontrados nas referidas pastas, tais como, a história do esporte, da comunidade negra, biografias de personalidades do meio político e empresarial, dentre outros.

Além dos recortes, as pastas temáticas contêm a correspondência pessoal de Arantes, por meio da qual foi possível deduzir alguns aspectos referentes às representações que foram construídas a seu respeito em momentos diversos de sua vida (GOMES, 2000). As cartas preservadas somam um total de 135 missivas que se referem, na sua maioria, àquelas

recebidas (chamada “passiva”), perfazendo um total de 114 (84,44% do total), para apenas 21 cartas expedidas (15,56%).

A despeito do “código epistolar” com o qual se iniciam muitas cartas, a correspondência endereçada a Arantes denota particularidades que não se resumem à observação de preceitos de formalidades previamente estabelecidos entre missivistas (GOMES, 2000). 35 cartas (ou seja, 34,65% do total) empregavam o tratamento pessoal para se dirigirem a Arantes, enquanto 66 (65,35%) o tratavam formalmente.<sup>3</sup> Dentre as primeiras, encontramos cartas de ex-alunos, professores que trabalharam com Arantes e amigos. No segundo grupo, localizamos cartas provenientes de prefeituras, órgãos de imprensa, empresas de publicidade, institutos culturais, sociedades de classe, instituições filantrópicas, órgãos governamentais, Consulado dos Estados Unidos, colaboradores e outros.

Os dados obtidos, nos quais se verifica a predominância do tratamento formal em detrimento da forma pessoal, corroboram as nossas análises que apontam, de um lado, para a centralidade ocupada pela revista *Uberlândia Ilustrada* no rol das atividades intelectuais desenvolvidas por Arantes e, de outro, para o seu empenho em produzir uma memória positiva acerca de si próprio. Esse número elevado de cartas com tratamento impessoal resulta de o tema enfocado circunscrever-se aos aspectos relacionados à publicação de seu periódico, e há, em todas essas cartas, excetuando-se apenas aquelas referentes aos pedidos de confecção de clichês, felicitações a Arantes pela iniciativa de publicar seu periódico, assim como pelos aspectos positivos inerentes à revista.

Acreditamos que os elogios contidos nessas cartas revestiam-se de maior autoridade pelo fato de não partirem de correspondência remetida por amigos, mas, sim, por instituições e pessoas fora do seu círculo de intimidade, que, justamente por serem formais, não teriam motivos para gabos duvidosos provenientes apenas de questões de ordem afetiva ou sentimental. Preservar essa correspondência, portanto, poderia assegurar maior notoriedade ao trabalho realizado por Arantes e garantir os elementos necessários para a construção de uma memória prodigiosa acerca de sua atuação e, é claro, de si próprio.

Uma outra conclusão a que chegamos com base no resultado obtido com a análise dos tratamentos impressos na correspondência de Arantes — conclusão aprofundada pela leitura do conteúdo das cartas — refere-se à quase inexistência de registros concernentes à sua vida privada. Mesmo as cartas nas quais encontramos o tratamento pessoal, portanto aquelas escritas por pessoas mais próximas, nas quais poderíamos esperar referências mais

---

<sup>3</sup> O total empregado para o cálculo da porcentagem foi o de 101 cartas, e não o de 114, que é a soma correspondência recebida, uma vez que em 13 não constava forma alguma de tratamento.

consistentes à sua família, esse fato não se verificou: os familiares de Arantes, quando citados, o são de forma genérica, sem alusões a nomes próprios e/ou menção de lembranças de fatos ocorridos nos quais eles estivessem presentes. A única exceção foi encontrada em uma carta proveniente de Campinas/SP (CARLINHOS, 1941). Porém, esse fato não se repetiu nas outras cartas, prevalecendo o distanciamento e a referência polida. Assim, na correspondência, o registro de familiares guarda mais relação com o que prescreve as normas de polidez do que, efetivamente, com possíveis laços de afetividade e também de intimidade.

Sem citar os laços de aproximação com a esfera privada, os temas tratados nas cartas, incluindo aquelas inseridas na categoria Pessoal, circunscreviam-se aos domínios da atividade profissional do destinatário, tais como: envio de fotografias para publicação na revista, agradecimento por exemplares recebidos, congratulações pelo trabalho realizado na *Uberlândia Ilustrada* e outros. Para nós, esse distanciamento da família, presente mesmo nas cartas recebidas de pessoas pertencentes ao seu círculo de amizade, reforça a hipótese anterior de que o núcleo da correspondência recebida por Arantes dizia respeito à produção da *Uberlândia Ilustrada* – sem, contudo, apresentar relação com aspectos mais privados de sua vida – e, a partir daí, deveria servir como elemento para a construção da memória que pretendia ver relacionada ao seu trabalho.

Em síntese, podemos concluir que o acervo formado por Arantes constitui-se em uma fonte de pesquisa por meio da qual é possível dialogar com uma dada forma de se escrever sobre o passado, qual seja, aquela concernente à produção da história local segundo a ótica dos memorialistas que se debruçaram sobre a escrita da história sem serem, no entanto, historiadores profissionais. Encontramos ali as fontes, anotações e seleção de documentos reveladores de como esses memorialistas desenvolviam os seus trabalhos, de onde partiam para as suas elaborações e como tornavam possíveis algumas conclusões a que chegavam. Para nós, essa documentação encerra ainda a possibilidade de compreensão do universo de seu autor, assim como permite generalizações desse universo para contextos mais amplos. (SCHWARTZMAN, 2000).

Embora o conjunto da documentação seja de natureza descritiva e pouco crítica, não dizendo respeito a problemas de ordem teórica e nem se referindo a questões metodológicas, contendo apenas informações que serviram de subsídios para as pesquisas realizadas por Arantes, o contato que tivemos com a coleção possibilitou-nos formular a seguinte hipótese: o acervo tinha outra função além de servir como fonte de pesquisa, qual seja, guardar a memória que o professor Arantes buscava preservar a respeito de si próprio. Não é sem razão que encontramos, em meio a esses documentos, vários recortes de jornais em que foram

registrados comentários da imprensa local sobre a *Uberlândia Ilustrada*, sempre laudatórios, é claro (PASTAS, s.d.).

Nesse sentido, se esse acervo constitui-se como pista útil para adentrarmos nos projetos reservados por Arantes à escrita e pesquisa acerca dos fatos relacionados ao passado de Uberlândia, ao mesmo tempo, a referida coleção consubstancia-se em uma fonte por meio da qual apreendemos os indícios das representações construídas por ele a respeito das fontes de pesquisa e dos aspectos da memória que ele pretendia legar. Dessa forma, acreditamos que os documentos não foram acumulados aleatoriamente por Arantes, mas, ao contrário, por trás de cada recorte arquivado, de cada carta, de cada fotografia, assim como de cada jornal, livro e revista havia um critério de seleção presidindo a sua escolha, bem como a sua conservação e manutenção no interior do *Arquivo Histórico* (LE GOFF, 1996).

O que orientava essas escolhas? Quais fatores motivavam a seleção? A forma como deveria ser lida a vida de Arantes, segundo ele mesmo. Pois, por meio da análise dos documentos acumulados e preservados seria possível não apenas adentrar nos projetos de seu titular para a educação municipal e para a produção de seus estudos sobre a história da cidade, mas, fundamentalmente, penetrar na intrincada trama de representações que ele ajudou a tecer acerca de si próprio, compondo parte do que poderia denominar-se de um projeto autobiográfico, “... em que a presença do eu é simultaneamente testemunhal e autoral. (...) porquanto, construindo seu arquivo, ele constrói sua expressão individual, sua imagem, seu eu, efetuando o pacto com o leitor (no caso, o usuário do arquivo)” (FRAIZ, 2000, p. 92).

O estudo de seu acervo demonstrou, em suma, que a memória que Arantes parecia ter a intenção de legar foi alvo de uma cuidadosa seleção realizada por seu titular, cujos objetivos parecem ter sido o de registrar a importância de seu trabalho na fiscalização e organização das escolas municipais, apresentar a relevância de seu empreendimento jornalístico – relativo à elaboração e publicação de sua revista –, bem como ressaltar a proeminência de seu trabalho com a pesquisa e produção de uma das versões sobre a história de Uberlândia.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS e FONTES**

ANIVERSÁRIOS. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 2, 22 jul. 1956. APU.

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: UNESP, 1991.

CAMIM, José. *Dois dedos de prosa com meus colegas cafeicultores*; sobre a regeneração dos cafezais eshauridos. Uberlândia: [s.e.], 1944. APU. CPJA.

CARLINHOS. [carta]. Campinas, 13 maio 1941. APU. CPJA. PT.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988.

COSTA, Guiomar de F. Guiomar de Freitas Costa homenageado na Santa Casa. *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, p. 4, 10 abr. 1962. APU.

FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, Ângela de Castro, (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000, p. 98.

GOMES, Ângela de C. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: GOMES, A. de C. (Org.). *Capanema e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV; Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2000, p. 13-47.

A HISTÓRIA quer ser lida: obra com dados históricos sobre Uberlândia espera publicação. *Correio*, Uberlândia, 30 ago. 2002, Revista, D-6. APU.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

JERÔNIMO Arantes. *Elite Magazine*. Uberlândia, n. 6, maio 1958, p. 34; 48.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes de (2004). *Memória de si, história dos outros: Jerônimo Arantes, a educação, a política e a história em Uberlândia nos anos de 1919 a 1961*. 2004, Tese (doutorado) – IFCH, UNICAMP, Campinas.

MORAES, C. S. V.; ZAIA, I. B. & VENDRAMETO, M. C. (2005). Arquivos escolares e pesquisa histórica: fontes para o estudo da educação brasileira. *Pró-Posições*, vol. 16, n. 01, Campinas: Unicamp, mar, p. 117-133.

PASTAS Temáticas. Coleção Professor Jerônimo Arantes. Arquivo Público de Uberlândia. Uberlândia, s.d.

RIBEIRO, Marcus Venício Toledo (1992). Os arquivos das escolas. In: NUNES, Clarice. *Guia Preliminar de fontes para a História da Educação Brasileira*. Brasília: INEP.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra, Fundação Getúlio Vargas, 2000.